

A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

ASSIGNATURA.

(Sem estampilha.)

Por anno..... 2\$400
 « Semestre.... 1\$300
 « Trimestre.... \$720

Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Donões n.º 13. Preço de cada numero avulso 40 rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 30 rs. por linha, repetição 20 rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 30 rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.

ASSIGNATURA.

(Com estampilha)

Por anno..... 2\$930
 « Semestre.... 1\$560
 « Trimestre.... \$850

—AVISO.— Terminou o segundo anno da publicação deste periodico, e principiou o terceiro. A redacção cre, que tem cumprido o seu dever, tendo-lhe sido necessario arrostar com grandes difficuldades, e bem sabidos embaraços. Invariavel nos seus principios continuará a louvar, o que lhe parecer justo, e de utilidade publica, e a stygmatisar o vicio tenha elle a morada aonde a tiver.

Acabaram-se algumas assignaturas de anno, de seis, e de tres mezes, que, devendo ser pagas adiantadas, ainda se acham por satisfazer. Os senhores assignantes, que estiverem comprehendidos neste numero, mandando satisfazer, concorrerão para diminuir os embaraços com que a empresa ainda lucha.

GUIMARÃES 16 DE SETEMBRO

As nossas idéas manifestadas no artigo principal do n.º 200 deste periodico foram combatidas no artigo principal do n.º 323 do *Bracarense*; e é isto uma cousa muito natural. O que não é muito natural, é, que o contemporaneo queira, e espere, que nós concordemos com a sua opinião, sem apresentar argumentos convincentes, nem destruir os nossos *infundados pretextos*, antes corroborando um delles, para desviar de si o injusto, que nós queremos evitar.

Primeiro que tudo trataremos do ponto, pelo qual o contemporaneo passou de salto, com receio, talvez, de escorregar.

A sentença condemnatoria, que recae sobre o perpetrador do crime, ou infractor da lei, nunca póde ser executada alem dos termos, em que é concebida; e, no caso de dúvida, sempre se deve interpretar no sentido favoravel, ou inclinado á clemencia; e o mesmo Poder Moderador, que é o Poder Moderador, póde diminuir a pena, mas não augmental-a, ou aggraval-a.

A pena de prisão póde ser executada de muitas formas, mais, ou menos aggravantes; e, por certo não está ao arbitrio de qualquer auctoridade, ou mesmo do governo, designar essa forma, quando ella vá em opposição á mente do juiz, e ao litteral sentido da sentença.

Preso está o que, na enxovia do carcere, se acha amarrado de pés e mãos, ou unicamente atado a um cepo, ou argola— Preso está, o que foi simplesmente mettido na cadeia. — Preso está, o que, ainda hoje, tem a casa, o castello, ou a praça por menagem e com tudo estas prisões são mui diversas, e só podem ter esta ou aquella execução, quando designada na sentença condemnatoria.

Geralmente fallando, por prisão entende-se a morada permanente na cadeia, durante o tempo marcado, mas na cadeia da residenciã do sentenciado; por que fóra della, e dentro do reino, importa deportação, e prisão, fóra della, e tambem do reino, importa degredo, e prisão, o que é altamente aggravante á mente do juiz, e ao sentido litteral da sentença, e seu espirito: para o que existem cadeas em todas as cidades, villas, e mesmo nos antigos coutos, devendo-se a sua deterioração ao progresso e á ideia de que um reino está encerrado na capital delle, ou ainda nas capitaes das provincias.

Mas, dirá outra vez o contemporaneo, essas cidades, villas, e extinctos coutos, teem as suas cadeas deterioradas, *de facto*, e incapazes de receber presos em tempo de progresso, faltando-lhes os meios para as reedificar: e então melhor é reedificarem uma só, que sirva para todas, do que muitas, que sirvam para cada uma dellas em particular.

Este argumento não destroe o aggravamento á sentença, nem colhe.

Se os concelhos do districto teem as suas cadeas incapazes, tambem Braga as tem, e tanto, que quer edificar uma nova — Se os ditos concelhos não teem meios, tambem Braga os não tem, e tanto que quer edifical-a á custa dos mais concelhos. Dessa sorte sobejam os meios áquelles municipios, aos quaes faltam os meios ordinarios, mas não os extraordinarios, e provenientes d'uma derrama, cujas vantagens o *Bracarense* defende.

Os povos do districto, quando sejam compellidos a fazer uma cadeia, acharão menos pesado, e com razão, dar cem para as suas respectivas localidades, do que dar cinco para a capital, ou cabeça do districto, quando mesmo uma medida adoptada importasse uma tal desparidade, que nunca póde dar-se; porque em cada concelho ha uma má cadeia para vender, como em Braga, e, não tendo um concelho a extensão d'um districto, contentar-se-ha com casa para 30 presos, em lugar de 230,

ou 240; e então nem o districto dirá, que engrandece a sua capital, nem a capital perguntará ao districto = *Ou querem que nós levantemos só á nossa custa uma prisão para descanso, e commodidade das comarcas adjacentes?*

Nem uma cousa, nem outra. Nós não queremos cousas injustas; e agradecemos a commodidade que querem dar-nos, levando-nos para fóra os sentenciados por leves culpas, e atraz delles as suas familias.

O preso que está mal aquartelado até a sua sentença passar a ultima instancia, tambem o estará mais 6 mezes, ou um anno; porem se este mal-estar offende a saude publica, estabeleçam-se casas apropriadas em todos os concelhos, porque o perigo na saude tanto corre antes da sentença como depois della, e a saude publica não é privativa das capitaes dos districtos.

Bem desejavamos poder conformar-nos com a opinião do contemporaneo; mas neste assumpto é impossivel; porque elle dá o nome de infundados pretextos áquillo que nós chamamos excesso, e abuso d' auctoridade; invasão nas prerogativas do poder judicial; desigualdade de garantias sociaes; e vexame sobre as pessoas, e sobre a propriedade.

J. I. d'Abreu Vieira.

Discurso do snr. D. Rodrigo de Menezes.

(Continuado dos n.ºs antecedentes.)

Snr. presidente, quanto á distribuição para obras publicas nas provincias, permitta-me o meu nobre amigo e collega o snr. ministro das obras publicas que lhe diga, que é outra historia como a dos afillhados, escrivães, amanuenses etc., por que cada um dos snrs. deputados entende que deve satisfazer a todos os seus vizinhos, pedindo uma estrada para lá; eu não peço nenhuma, mesmo porque a minha opinião vou dizel-a francamente á camara. É pegar n'estes sacrificios, que são grandes e applical-os a ligar todas as capitaes das provincias e districtos; fazer estradas de primeira ordem, depois as de segunda, e depois as de terceira ordem, e não estar a retalhar esta somma, estes sacrificios, por bocados de estrada (Apoiados.) aqui e alli, e por fim não se consegue nada. Eu já disse que não peço nada para o meu campanario, e nem eu tenho campanario; tenho sido repellido dos meus campanarios. Fui repellido do meu campanario de Leiria; passei para o Porto. O Porto, depois de o livrar de uma cafila de moedeiros falsos, fez hontem um anno, tambem me repelliu. Fui avançando para o norte, e já estou em Guimarães. Se ahí me repellirem, como mais para cima não tenho popularidade, ahí acaba a minha vida parlamentar, ou tenho do retirar-me para o sul.

Achei no circulo de Guimarães quatro con-

celhos que me fizeram a honra de me mandar a esta casa, sem que para isso fizesse grandes esforços; a minha eleição foi devida ao favor de quatro ou seis amigos, que vendo a minha eleição perdida no Porto, me mandaram dizer se eu aceitava os votos dos eleitores d'aquelle circulo; eu respondi-lhe agradecendo, não porque fizessem boa escolha, porque no circulo de Guimarães havia homens que podiam representar os interesses d'aquella localidade com mais intelligencia do que eu, mas agradei-lhe porque foi uma especie de desforço entre mim e os snrs. ministros, não porque ss. exc.^{as} tivessem grande desejo de me pôr d'aqui fóra, porque alguns até são meus amigos, mas em politica os amigos não são sempre a favor. Meu amigo era o sr. José Passos, e estou persuadido de que, se lá lhe tivessem pedido votos contra mim, que os tinha dado de todo o coração.

Mas aquelles povos representaram ao governador civil de então, que era eu, que uma estrada pelas alturas era inconveniente aos seus interesses, e aqui está um illustre deputado que foi administrador de Fafe, a quem já fiz justiça n'esta casa, que pode dizer se isto é verdade. Fizeram a sua representação dizendo = que offereciam o seu dinheiro =; e eu remetti esta exigencia ao sr. ministro do reino com quem estava então em perfeita harmonia e amizade, (hoje não sei como estamos), e s. ex.^a levou-me a bem este passo, e o sr. ministro das obras publicas, de quem me preso de ser amigo, muito embora divirja de um ou outro ponto, louvou-me em uma portaria os esforços que eu fazia, mas ainda até hoje o offerecimento d'esses povos não foi accedido, nem se apresentou proposta alguma ás cortes para esse fim! S. ex.^a não se escandalisa que eu lhe diga uma cousa; as bandeirolas de Aldea Gallega chegaram a Guimarães: lá chegaram, e aquelles povos disseram: « Temos estrada, temos as bandeirolas: » mas acabaram-se as eleições e nada de estrada. Oh! meu rico amigo sr. ministro das obras publicas, por amor de Deus honre as bandeirolas. (Riso.) E' preciso que os povos acreditem e se persuadam de que quando se estabelecem as bandeirolas, é para estudar as estradas, e não para ganhar uma eleição por este meio.

Por tanto peço, por honra e gloria de v. ex.^a, que não deixe menoscabar as bandeirolas, que as não deixe desprezar, porque, a dizer a verdade, um anno para estudar uma estrada é muito. Se v. ex.^a pudesse fazer uma estrada que atravessasse Cabeceiras de Basto, Celorico, Fafe e Guimarães, embora aquelles povos me não tivessem eleito, por que um homem nunca deixa de ser supprido, aquelles concelhos obteriam um grande melhoramento.

Mas eu vejo dar 12.000\$000 reis para a ponte de Mondim, que, como já informei, é uma cousa inconveniente, por isso que alli estabeleceu-se o systema mixto, e que prejudica a obra, porque se hão de tornar velhas as madeiras e nunca ha de ser duradoira, isto para sustentar o systema de um sr. engenheiro, que é uma classe com que se deve ter muito respeito, por que são susceptiveis como uma senhora.

Ora aqui cabe dizer, que assim como se fez a distribuição dos fundos das estradas, tambem se deve fazer a distribuição dos fundos para as obras de Lisboa.

Eu ouvi o illustre deputado o sr. José Estevão, e com quanto me não faça cargo das opiniões que o illustre deputado emittiu, s. ex.^a pode votar o que quizer para as obras de Lisboa, eu não dou um voto de confiança cego ao governo, para empregar o dinheiro que quizer em Lisboa, porque a febre amarella pode vir, os snrs. ministros podem, não digo perder a cabeça, mas podem-se aterrar um pouco, podem estar cercados de gente que tenha interesse em fazer certas obras, e pode-se aproveitar esta circumstancia para se confundir tudo. Votos de confiança illimitados, não os dou. Se houver circumstancias extraordinarias como aquellas que já houve, ss. ex.^{as} bem sabem que não precisam do voto da camara; hão de fazer o que a necessidade publica pedir que façam, e não hão depois achar um deputado, seja de que lado for, que lhes negue um bill de indemnidade. Eu no caso de ss. ex.^{as} não me prendia com isso, e se me prendesse quando fui auctoridade, não teria lyrado Braga de um grande vexame. As nossas

leis não são feitas para embaraçar a acção da auctoridade, quando ella é proficua e esclarecidamente empregada em favor do beneficio publico.

Ss. exc.^{as} prometteram que haviam de enviar á camara os trabalhos de Lisboa, e n'esse sentido eu votei que o incidente acabasse e que se entrasse na materia, mas declaro a v. ex.^a que o que disse o meu nobre amigo o sr. ministro do reino não me satisfaz. S. ex.^a fallou no lazareto e na necessidade de fazer o revestimento das montanhas da outra banda. Eu não concordo n'isso, n'esse caso faça-se o lazareto n'outra parte, não se vão alli consumir centos de contos de reis. Isto não pôde ser, mesmo porque entendo que esse grande desfalque que se está dando no outro lado do Tejo, não é em grande prejuizo do lado oriental. Mas seja ou não seja, eu não sou homem da sciencia, comecei a estudar para engenheiro, mas não cheguei lá, direi comtudo, que me não conformo com muitas das razões dadas pelos engenheiros.

O lazareto tem uma grande falta moral, que reputo hoje tão prejudicial como a falta physica. E' indispensavel que o lazareto esteja isolado do resto da população e ss. exc.^{as} fizeram muito bem, procurando fazer essa isolação, mas na parte moral o lazareto está horriavelmente estabelecido não havendo alli um medico permanente, nem um padre para administrar sacramentos! Todos sabem que os homens de cabeça forte quando chegam á hora da morte, é que dizem então que são christãos e catholicos; n'essa hora extrema todas as utopias, todas as imaginações e todos os actos de soberba e vaidade desaparecem, e invoca-se então o nome de Deus. O homem que vem do Brasil depois de ter feito muito negocio, depois de ter negociado talvez na escravatura preta (e eu tenho tanta pena dos pretos como dos brancos; o sr. ministro do reino sabe muito bem que a nossa familia tem predilecção por pretos) se chega ao lazareto doente, não acha um padre que lhe administre os sacramentos, nem um medico que o cure. Esta ultima parte não é aquella em que perdem mais. (Riso.) O meu amigo, o sr. Polido, sabe que isto não é deixar de respeitar a medicina, mas a experiencia de longos annos e de longos padecimentos que tenho tido, e que me tem posto ás portas da morte já por quatro vezes, faz-me pensar d'este modo, porque não tenho achado recursos em medicina e se ella me não serviu, quando estava doente, tendo saude dispenso-a.

Não é só a obra do lazareto. O sr. Lobo d'Avila com muita sciencia e saber já demonstrou que os canos não se podiam fazer n'esta estação. Ha dois systemas a escolher. Necessariamente os canos hão de ser para uma cousa ou para outra, ou para ambas juntas, e ss. exc.^{as} até Novembro não podem gastar este dinheiro. Se este dinheiro, for applicado á despeza ordinaria, isto produz um mau effeito no paiz, e nós não o podemos votar para semelhante fim. (O sr. ministro da fazenda: — Apoiado.) E' necessario que ss. exc.^{as} peçam o estrictamente necessario para as obras, e que se mostre que essas obras são positivamente necessarias e convenientes para a salubridade publica.

Em quanto ao aterro... Creio que estou sendo longo... (Vozes: Não, não, falle.) Não posso deixar de fallar n'este logar das companhias. Eu receio das companhias estrangeiras que vem para Portugal, e os snrs. ministros não tem que se admirar d'isto, porque eu já não acreditei na de leste. O sr. ministro das obras publicas fez-me a honra de me acompanhar aqui, ou de ir na minha frente a respeito d'essa companhia; nós torturamos um pouco essa companhia, e ainda não foi das peiores, porque ao menos ainda vemos o caminho de ferro até Santarem, mas a do sr. Petto é uma tremenda peita. Esse cavalheiro terá uma grande respeitabilidade lá para os seus compatriotas, e tem razão porque os srs. Shaw e Waring estavam perdidos e devem á respeitabilidade do sr. Petto o ter-se conseguido aquillo que aqui se negava ao sr. Fontes, isto é, a aquisição do caminho de ferro. A aquisição do caminho de ferro fez-se, os srs. Shaw e Waring receberam as libras, e o caminho de ferro está hoje por conta do governo aos baldões, e até mesmo a administra-

ção está toda demittida! E poderei eu dar dinheiro ao governo para por sua conta progredir na feitura do caminho de ferro de leste, eu que o neguei ao sr. Fontes? Isso não é possível.

O facto é este, sr. presidente, é que depois d'uma companhia vir para Portugal, estabelecer as suas condições, collocar-se perfeitamente, diz em pouco tempo: « Se ganho, sustento o contracto; se perco, dêem-me indemnisações, porque vim aqui sacrificar a fortuna dos meus amigos »! Isto não se pôde admitir. (O sr. ministro da fazenda: — Apoiado.)

Eu não sou d'aquelles que dizem: « haja o caminho de ferro a todo o custo »; não, senhor, a todo o custo não; (Apoiados.) haja-o com o custo justo. (O sr. ministro da fazenda: — Apoiado; razoavel.) e razoavel, caro mesmo, mas não a todo o custo, e em todo o caso com dignidade. Mas um homem que contracta connosco a feitura d'um caminho de ferro, que falta ao seu contracto, e apresenta-se depois a querer ser empreiteiro d'esse caminho, isto é, quero governar o teu dinheiro que tu não sabes governar, não pôde ser, (Apoiados.) é preciso que os srs. ministros resistam a isso. (O sr. ministro da fazenda: — E' cedo para dizer isso. Ha muito tempo que se diz isso, e a voz do povo para mim é voz de Deus.

[Continúa]

INTERIOR.

Porto 14.

O sr. Fontes Pereira de Mello acha-se hospedado no hotel Peninsular, ao Calvario. Tem sido cumprimentado pelo sr. general Ferreira, commandantes dos corpos da guarnição, e um grande numero de officiaes. O sr. bispo da diocese, e seu irmão o sr. barão de Palme achando-se fóra da cidade, pizeram á disposição de s. exc.^a o paço Episcopal, para sua residencia, durante o tempo que se demorasse entre nós; offerecendo-se vir para a cidade a fim de receber a visita de tão illustre hospede.

O sr. conde de Bertandos tambem offereceu ao sr. Fontes o seu palacio de Bertandos, para quando s. exc.^a viajar na provincia do Minho.

O sr. Fontes deve achar-se penhorado pela recepção cordial que lhe fizeram em toda a parte; da fórma que este cavalheiro viaja mais como um homem que está com o prestigio do poder, do que como um chefe da opposição.

Grande escandalo!! — O sr. Maximiano Osorio, vai ser despachado juiz de direito!! É a corrupção mais descarada que se tem visto neste paiz! E' como o sr. Avila arranhou a sua eleição por Villa Real. Comprou por vil preço todos os seus amigos naquella malfadada terra. Agora consta que um filho d'um caixa do contracto do tabaco vai ser proposto deputado por aquelle circulo! Homem que ninguem lá viu nem verá — que vergonha! Pois pôde contar com 3 mil votos, que os ha de arranjar como o sr. Avilla arranhou os seus — não sei como as auctoridades se prestam a uma tão degradante posição. Proclame-mos o absolutismo que é melhor do que esta ficção do governo representativo. Dentro em pouco serão propostos pelo Douro os creados do sr. Avila, se elle tiver a phantasia de os fazer deputados.

Vista aquetica.—No sabbado trataram de fazer nas obras da barra uma explosão monstro applicando a um rochedo proximo da cruz de ferro um cofre que não continha nada menos de 12 arrobas de polvora! Dizem-nos que fóra magnifico o

efeito produzido pela explosão. Viu-se uma tremenda columna d'agua, e viu-se um pedo subir a uma grande altura.

(O Nacional)

Tivemos noticias de Goa de 28 de Julho ás 4 horas da tarde.

A eleição geral de deputados tinha-se feito no dia 25. Não se conhecia ainda o resultado de todas as assembleas, porque faltavam duas, das quaes ainda se não sabia.

O resultado das assembleas que se sabia era a seguinte:

Vicente Ferrer Netto Paiva 4:962 votos
Antonio Rodrigues Sampaio 4:884 »
Padre Caná..... 3:814 »
Cirurgião Gomes..... 3:100 »

A eleição dos dois primeiros candidatos considerava-se vencida fosse qual fosse o resultado da votação das duas assembleas que faltavam, o qual comtudo se esperava que fosse favoravel.

(Revolução de Setembro)

Uma empresa colossal, e do mais alto interesse para o mundo inteiro se acaba de formar em Londres. É a companhia de canalisação do istmo de Suez. O capital social é representado por 400 mil acções de 500 francos cada uma, ou seja de 90\$000 reis. Como a empresa é universal, reservou-se a cada nação uma parte das acções na seguinte proporção á França, 1,600:000 libras sterlingas; á Inglaterra e-gual quantia; 1;280:000 ao vice-rei do Egypto, á Turquia com o Egypto e a Syria 840:000; á Austria com a Lombardia, 800:000; á Hespanha, Portugal, Grecia e Italia, 400:000 e aos Estado-Unidos 400:000

— *Admissão de cereaes.* Ainda senão lavrou o decreto para a livre admissão de cereaes estrangeiros, mas em conselho de ministros já foi presente a proposta para essa admissão nas provincias do norte, como hoje diz o nosso correspondente da capital. Foi isto que deu origem á participação telegraphica a que no sabbado nos referimos. E' por tanto de esperar que agora senão demorará a adopção de uma medida tão urgentemente reclamada mas que devia ser para todo o paiz.

(Commercio do Porto)

— *O Monumento.* — Diz a «Opinião» que o dinheiro recebido para o monumento do snr. D. Pedro 4.º, fora até 14 de Agosto de 1856, a quantia de 25:572\$930 reis; que desde então não se recebera mais nada; que todo este dinheiro se gastara em planos e modelos, e em obras; que apenas haviam 23\$903 reis!!!

— *Caridade militar.* — O soldado de infantaria 17, José Francisco morreu no hospital, deixando a sua fortuna a um dos asylos da Infancia desvalida — a fortuna consistia em 5\$000 reis.

(Braz Tisana)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Marselha 7.

As ultimas noticias d'Alexandria dizem que o governo turco tem na sua mão os fios de uma conspiração formada em Constantinopla contra o sultão.

Fazem-se muitas prisões.

Os conspiradores propunham-se fazer abdicar Abdil-Medjud, e elevar ao throno seu irmão Abdil-Aziz, que se achava, segundo se diz á frente da conspiração.

Marselha 8.

As ultimas noticias de Constantinopla dizem que reina alli grande irritação contra o Sultão.

Temia-se que rebentasse uma revolução que tinha seu centro d'acção no palacio, e que é dirigida pelos membros da familia real ultimamente demittidos.

(Commercio do Porto)

Participa-se de Turin, com data de de 29 Agosto:

«O jornal radical de Genova, «Italia del Popolo», annunciou aos seus leitores que cessava a sua publicação. Este facto não deixa de ter uma certa importancia politica, porque o «Italia del Popolo» era o órgão declarado de Mazzini, e a sua desaparição da arena do jornalismo é a prova bem evidente do estado de desordem em que actualmente se achá o partido extremo.

— A recepção cordial que acaba de se fazer na Prussia á rainha Victoria, parece ao «Times» o penhor d'uma alliança duradoura entre aquelle paiz e a Inglaterra. O rei, a quem o seu estado de saúde parece ter afastado dos negocios, estava ligado, pelo seu casamento, com a Russia; e a influencia russa, que muitas vezes obrou sobre os actos do governo prussiano, desapareceu com sua auctoridade.

Os jornaes prussianos felicitam-se pelos novos laços que unem a Prussia á Inglaterra, e tiram d'isto um presagio favoravel para consolidar e desenvolver as instituições constitucionaes no seu paiz, que já tem mostrado que as sabe comprehender e praticar.

Encontramos no Braz Tisana de 14 uma correspondencia de Londres da qual transcrevemos os principaes trechos, para que nossos leitores vejam, que tambem, no meio do Atlantico, vigoram nossas ideas.

Londres 7 de Setembro.

A Rainha chegou da Prussia parte hoje para Leeds com destino á Escossia — Imagina bem o que isto quer dizer? Não por certo.

E' mister não confundir a Inglaterra com paiz nenhum da Europa. A Rainha chegou como chega qualquer outro cidadão. Não ha foguetes, nem repiques, nem vivorios, nem paradas, nem *Te-Deum* nem luminarias, nem cousa alguma d'arruido para a chegada ou sahida da Soberana: mas ha cousa melhor que esse apparatus, e mais das vezes hypocrisia, ha o amor de todos os inglezes. Em França os *vivas* são obrigados, e porisso equivalem a maldições. A Rainha aluga um trem, paga, e parte com orações de todo o povo e sem uma saudação ruidosa: o Imperador é recebido com arcos de flores na estação, não paga o transporte, e sahe com um vivorio infernal. Qual dos dous estará mais seguro?

Meu caro. Lembra-lhe que leia o *Times* e verá como o nosso nome ainda é estimado na China. São os proprios inglezes que o confessam: — ha logares da China que não querem outras relações, nem

outra amisade que não seja com Portugal. Agora cedam o nosso padroado á França; cedam! fazem uma acção immortal! Que ensejo para nos restabelecermos poderosos na Asia fôra este, se o nosso governo não fosse composto d'homens, cuja ineptia só é excedida pelo orgulho. Mas elles, ou não entendem, ou chamam a isto sonho. A toupeira nasceu para as entranhas da terra como o condór para a amplidão dos ceus.

Então, temos ou não temos guerra com o tio Luizinho? quer-nos á força fazer respeitar a sotaina, e dêem-lhe volta! Um jornal d'aqui mette isso a bulha, e os catholicos e protestantes censuram acremente o tal modo de nos querer metter os *caritativos* padres pela porta dentro. — E que tal a indemnisação pelo navio d'escravatura que lhe apresamos? — Bem diz o dictado «com teu amo não jogues as peras...» — mas felizmente cá está a grande Inglaterra para nos auxiliar sempre contra as exigências exageradas da França: não de graça, já se vê, que ninguem assim trabalha.

Ouvi hoje fallar a este respeito na Praça, censurando ao mesmo tempo a ausencia do nosso ministro aqui, nesta conjunctura.

Folhas francezas até 7, — hespanholas até 9.

O «Jornal dos Debates» referindo-se a um jornal estrangeiro, diz o seguinte:

«Apressamo-nos a annunciar que o navio francez «Charles-Georges» apprehendido pelos portuguezes em Moçambique chegara a Lisboa. O capitão Rouxel escreveu dizendo que o nosso embaixador recebera instrucções positivas para obter uma justa reparação d'aquelle facto, contrario ao direito internacional e ás relações de duas potencias amigas.

Parece que Portugal enviara ordem expressa ao governo de Moçambique, para restituir o navio com 110,000 francos de indemnisação, mas que esta ordem chegara tarde, tendo já o «Charles Georges» navegado para Lisboa.»

«Este negocio não pode deixar de se arranjar á satisfação dos interesses francezas. — A tripolação está em liberdade.»

Os jornaes de Madrid publicam os seguintes despachos telegraphicos:

Londres 7 de Setembro.

Diz o «Times» que o tractado entre a China e a Inglaterra é mui favoravel a esta nação. O embaixador residirá em Tientsing; porem visitará a corte de Pekin. Os estrangeiros poderão viajar com passaporte. O christianismo será tolerado. Em Londres haverá embaixada Chinezinha. O rio Yangtre será aberto ao commercio, e os regulamentos sobre os direitos serão examinados, e será paga uma grande indemnisação pelas despesas da guerra.

HESPANHA.

A Rainha, depois de visitar os estabelecimentos da fabrica do zinco, nas circumvinsinhanças de San-Juan, desejou descer á principal das minas de carvão, pertencente á companhia. Desce-se alli por um caminho de ferro para um poço perpendicular de 80 metros d'altura.

A Rainha declarou antecipadamente que queria ir até os ultimos limites da exploração, e penetrar aonde ninguem tinha

ido. Apesar das observações do general O'Donnell, persistiu na sua intenção.

Então os generaes O'Donnell e Lemery foram os primeiros a descer, sendo seguidos pela Rainha e pelo Rei, director da fabrica e o engenheiro M. Smith. — Do fundo do poço, a Rainha gritou ás pessoas que ficaram em cima que podiam descer sem receio.

A Rainha percorreu pelo plano inclinado a galeria de 250 metros que estende na maior parte por baixo do mar, e chegando á extremidade, traçou sobre o carvão, deixando correr o sebo d'uma tocha, as iniciaes do seu nome e do rei.

O director assegurou a S. M. que era ella a primeira mulher que ousou ir tão longe, e pediu-lhe permissão para collocar abaixo das suas cifras uma pedra com o fim de perpetuar a memoria desta real visita e da insigne honra feita á empreza.

Quando a Rainha reapareceu na entrada do poço, todos os operarios que alli esperavam com ansiedade, romperam em aclamações as mais entusiasticas.

Participa-se do Ferrol, com data de 4 que a familia real continuava alli sem novidade. (Braz Tisana)

VARIÉDADES.

Musica telegrapho electrica. — A applicação já conhecida do galvanismo para dar um movimento uniforme a varios relogios, inspira a Hamar, hungaro, a ideia de applicar o mesmo meio ao mecanismo de varios pianos. Um exito, altamente satisfactorio, coroou em Pesth, capital da Hungria, os seus esforços, e já o demonstrou n'um concerto publico. Quando o artista começou a tocar n'um piano, todos os outros permaneceram immoveis, porem em breve, os quattros instrumentos, que estavam isolados, como se cedessem á acção d'um artista invisivel, deixaram ouvir a mesma composição musical, que se executava no primeiro, com harmonia e precisão taes, que houvera sido impossivel realisar com quattro artistas, por eminentes que fossem. Um sentimento indescriptivel de admiração, que se manifestou espontanea, em meio de entusiastas aclamações, dominou, então, em todos os espectadores.

O apparelho electrico, disposto n'uma sala immediata, podia modificar-se de modo que funcionassem, ao mesmo tempo, um, dois, tres ou quattro pianos. Nos instrumentos não se deixava ver nenhuma especie de apparelho, senão um determinado numero de arames, que cobriam o solo.

Já não será preciso agora que um artista emprehenda viagens a Pariz, a Londres, ou á Alemanha para dar concertos; basta que permaneça tranquillo em sua casa, em Pesth, ou em outra cidade, e fazer annunciar em Pariz um concerto que dará telegraphicamente

(Oriente)

LOCAES.

Não tem emenda. — O codigo das posturas impõe multa ao carreiro que trazer os bois apostos ao carro sem guia. Assim

ia um na estrada do Porto nos arrabaldes da cidade, que, tomando medo ás cargas d'um almocreve, ficou maltratado um macho, e depois uma banhista, que vinha da Pova. O carreiro vendo a desordem, a que deu causa, fugio; deixando os bois e carro ao desamparo.

Deposito. — Ontem estavam depositados na igreja de S. Sebastião um homem, e uma mulher, pae, e filha, que tinham fallecido no dia antecedente: o pae ás nove horas da manhã, e a filha ás onze. Parece, que as molestias eram diversas; mas não o podemos affirmar.

Enterro. — Tambem se deu á sepultura na capella da V. O. T. de S. Francisco o finado filho primogenito do snr. Pessoa, Sargento Quartel Mestre de caçadores n.º 7. Morreu, depois d'um longo padecimento, na idade, em que os homens são anjos. Levava um grande acompanhamento dos amigos de seu pai, e de seu honrado avô.

O Rei reina e não governa. — Ainda é cedo para o povo comprehender este principio constitucional; e porisso, o dia 16 de Setembro de 1858 passaria despercebido, se não fosse o TE DEUM, que a ill.^{ma} camara fez publicar e cantar solemnemente; o bando da mesma camara; e as luzes que á noite se viram em algumas casas. Ao acto religioso, apesar do convite, só assistiram a corporação municipal; o ill.^{mo} e rev.^{mo} cabido, as auctoridades ecclesiastica, administrativa, judicial e militar; e os empregados publicos. Além disto só alli se viam tres pessoas qualificadas — o nobre conde d'Azenha, e os priores de S. Paio desta cidade, e da Magdalena da cidade de Lisboa!!! Que differença entre o Maio, e o Setembro!

Não é povo. — O meretissimo Juiz de Direito desta comarca para solemnizar os annos de S. M., deu um abundante jantar aos presos, e á noute uma esplendida reunião em sua casa, na qual mostrou mais uma vez o seu cavalheirismo, e enthusiasmo pela descendencia do Rei Philosopho, e Liberal.

Medida util. — No dia 15 andaram os zeladores da camara, por ordem superior, fazendo picar as pedras escorregadiças á entrada da rua da Fonte Nova. Lembremos igual operação nas pedras que dão entrada para o Postigo de S. Paio em que tem cahido algumas pessoas, passando leves e carregadas.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

REPORTORIO

OU

DIARIO LUNARIO EUROPEU

Para o anno de 1859.

COMPOSTO EM COIMBRA POR ANTONIO PEREIRA

unico successor do

BORDA D'AGUA.

Acham-se promptas as fórmulas deste acreditado reportorio.

ANNUNCIOS.

AGRADECIMENTO.

Os directores dos festejos ao Senhor dos Desamparados da Rua Nova agradecem a

liberalidade, e promptidão com que os devotos d'aquella Sagrada Imagem se prestaram a dar-lhes meios, e auxilios para o desempenho de suas funcções; e confiam, que a direcção nomeada para o anno futuro fará esquecer os serviços da annunciante em vista dos nomes já publicados, e d'outros muitos de devotos, e devotas, distinguindo-se entre estas: na qualidade de Juiza a ex.^{ma} snr.^a D. Delfina Mascarenhas, e na de devotas as ex.^{mas} snr.^{as} D. Emilia de Souza Agra, D. Maria de Souza Agra, D. Luiza Amelia da Rocha, D. Josepha Carolina de Mattos Chaves, D. Anna Emilia Ferreira, e D. Victorina Thereza de Jesus

(496)

Em abaixo assignado declaro, que tendo ha nove annos o exc.^{mo} snr. conego Luiz de Mello Pereira Sampaio, sollicitado de mim, por intervenção de meu cunhado o ill.^{mo} conego Gouvea a faculdade de vedar a sua Bouça, sita nos Bussacos, proximo da Quinta de S. Miguel, na freguezia de Ronfe, concelho de Guimarães, metendo para dentro della, para seu maior aformoseamento, uma sorte de mato visinha com seus respectivos carvalhos, debaixo da condição de me dar uma outra sorte de mato em permuta, que eu escolhi ser, ainda que muito mais inferior, á que sua exc.^a tem dentro da minha Bouça, contigua á Eira do meu casal do Outeiro na dita freguezia de Ronfe; e como, apesar das minhas instancias para reduzir a titulo publico esta nossa convenção, já escrevendo a sua exc.^a, e já dando avisos ao fallecido feitor Alves, na presença de pessoas que ainda vivem, e cujas instancias não chegaram de certo, por fatalidade a sua exc.^a, os cazeiros de sua exc.^a continuam a roçar dentro da minha Bouça, na sorte que é de sua exc.^a, e os meus a roçar e a cortar lenha dentro da Bouça de sua exc.^a, na sorte que é minha, em paz e socego, sem estorvo nem embaraço das posses e direitos de cada um. E tendo-me ha poucos dias e pela 1.^a vez um cazeiro antigo de s. ex.^a, por nome Braz, roubado o mato da minha sorte, apesar mesmo de impedido pelo meu cazeiro, e contra o qual vou usar da acção competente, e este acto violento, tambem por fatalidade, podia ser ensaio para se operar de futuro uma posse clandestina, attenta a distancia em que estou do meu casal, porque, quasi sempre, são os cazeiros, que pela sua ambição e má fé dão lugar a essas posses clandestinas, de que muitas vezes os senhorios se aproveitam na melhor boa fé, e por isso, e para evitar duvidas de futuro, e em quanto se não reduzir a titulo publico aquelle contracto, faço a presente declaração. Porto 13 de Setembro de 1858.

(489) Joaquim José da Silva Guimarães.

No Terreiro de S. Francisco casa n.º 10, aluga-se esta boa morada exceptuando o meio fundo das tres portas em que se acha um negocio independente de todo o resto da casa, a qual offerece boa vista e commoidade. (494)

GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura,
rua Donães n.º 13.